

Capítulo 8

Pronomes, clíticos e objetos nulos: dados de produção e compreensão

João Costa

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa & Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Elaine Grolla

Universidade de São Paulo

1 Introdução

Os pronomes têm características morfo-fonológicas, sintáticas e semântico-pragmáticas específicas que os tornam particularmente interessantes para o estudo da aquisição. Neste capítulo, enunciamos algumas destas características, explicitando o seu interesse para a aquisição e apresentamos alguns resultados da investigação sobre a produção e a compreensão de pronomes em português europeu e em português brasileiro.

O capítulo tem a seguinte organização. Na secção 2, apresentamos uma breve descrição do sistema pronominal do português. Na secção seguinte, enunciam-se alguns dados relevantes sobre a aquisição dos pronomes em diversas línguas, tanto na produção como na compreensão. A secção 4 reporta alguns dados principais sobre a produção de pronomes clíticos por crianças portuguesas e, finalmente, na secção 5 damos conta de resultados relevantes sobre a interpretação de pronomes no português europeu e brasileiro.

Ao longo do capítulo, mostrar-se-á que as crianças dominam desde cedo as propriedades fundamentais do comportamento sintático das formas pronominais, sendo os aspetos mais tardios na aquisição explicáveis por um domínio mais lento de algumas das suas propriedades interpretativas. Esta observação



de que as propriedades básicas do comportamento dos pronomes se encontra estabilizada desde muito cedo reforça a ideia, defendida por vários autores, de que parte do conhecimento sintático é inato e estabiliza durante o primeiro ano de vida, quando as crianças ainda não combinam palavras (ver Guasti 2002 e Wexler 1998 para uma revisão desta proposta).

2 Aspetos que caracterizam as formas pronominais

Os pronomes são a classe de palavras utilizada quando o falante não quer ou não pode (por razões linguísticas) repetir um nome. Vejamos os seguintes exemplos:

- (1) A: Onde é que a Maria está?
B: Vi-a à porta da faculdade.
- (2) Tirei o prato da mesa e pu-lo na cozinha.
- (3) Pedi ao Pedro para sair com ele.
- (4) A Ana falou com o patrão dela.

Nos exemplos entre (1) e (4), o pronome é utilizado para referir um nome que é facilmente recuperável no discurso anterior ou até na própria frase. Em (1), o pronome *-a* retoma o grupo nominal *a Maria*, em (2) o pronome *-lo* retoma o grupo nominal *o prato*, em (3) o pronome *ele* retoma o grupo nominal *o Pedro* e, em (4), o pronome *ela* retoma o grupo nominal *a Ana*.¹ Em todos estes contextos, o pronome permite recuperar a referência destes grupos nominais sem os repetir. Aliás, a sua repetição geraria resultados estranhos ou agramaticais, como podemos verificar nos seguintes exemplos:^{2,3}

- (5) A: Onde é que a Maria está?
B: #Vi a Maria à porta da faculdade.
- (6) * Tirei o prato da mesa e pus o prato na cozinha.
- (7) * Pedi ao Pedro para sair com o Pedro.

¹ Nos exemplos (3) e (4) existe ainda a possibilidade de a referência do pronome ser estabelecida por outra entidade saliente no contexto/discurso anterior.

² Utilizamos o símbolo # para assinalar inadequação contextual e o símbolo * para marcar agramaticalidade.

³ As frases (7) e (8) são agramaticais na interpretação pretendida, em que os dois grupos nominais referem à mesma entidade.

- (8) * A Ana falou com o patrão da Ana.

Os pronomes distinguem-se dos grupos nominais por um conjunto de propriedades específicas, que os tornam particularmente interessantes no estudo da aquisição das línguas.

2.1 Tipos de pronomes: fortes, clíticos e nulos

Os pronomes não têm todos o mesmo comportamento, conforme notado por Cardinaletti & Starke (1994), sendo possível distinguir pronomes fortes, pronomes clíticos e pronomes nulos. Em (9), temos o exemplo de cada um destes tipos de pronomes:

- | | | |
|-----|---------------------------------|-------------------|
| (9) | a. A Ana falou com ele . | (Pronome forte) |
| | b. A Ana viu- o . | (Pronome clítico) |
| | c. \emptyset viu a Ana. | (Pronome nulo) |

Estes pronomes são diferenciados por várias razões. Podemos começar por apreciar a diferença entre pronomes fortes e clíticos. A primeira razão para os distinguir é de natureza interlinguística: nem todas as línguas têm pronomes clíticos, embora todas pareçam ter pronomes fortes. Por exemplo, quando comparamos as variedades portuguesa e brasileira do português, podemos constatar que o português brasileiro tem vindo a perder alguns clíticos. Assim, uma frase como (9b) não é atualmente produtiva em português brasileiro, ocorrendo no mesmo contexto um pronome forte, como em (10):

- (10) A Ana viu **ele**.

Para além da motivação interlinguística, há construções em que os dois tipos de pronome participam de forma distinta, conforme relatado em Cardinaletti & Starke (1994). Ilustramos aqui algumas características que os distinguem:

Propriedades prosódicas Os pronomes fortes são acentuados, podendo ser acentuados em contextos enfáticos,⁴ algo que é impossível com os pronomes clíticos, que são necessariamente átonos:

- (11) a. A Ana falou com ele/ELE.
b. A Ana viu-o/*-O.

⁴ A acentuação é aqui assinalada graficamente através do uso de letras maiúsculas.

Coordenação Os pronomes fortes podem ser coordenados com outro pronome ou com um grupo nominal, o que não acontece com os clíticos:

- (12) a. Ele e o Pedro ficaram em casa.
b. * A Ana viu-o e o Pedro.

Modificação Ao contrário dos clíticos, os pronomes fortes podem ser modificados por advérbios. Como se evidencia em (13), o clítico não pode ser modificado pelo advérbio. (13c) mostra que, mesmo que o advérbio não seja colocado em posição de modificação do clítico, a frase não tem a leitura em que o advérbio tem escopo sobre ele:

- (13) a. Só ele ficou em casa.
b. * Eu vi só -o.
c. Eu vi-o somente (\neq eu vi só a ele.)

Posição Os clíticos ocupam posições específicas na frase (Kayne 1975; Duarte & Matos 2000), ao contrário dos pronomes fortes, que ocupam a mesma posição que qualquer outro grupo nominal. Conforme ilustrado em (14), com verbos auxiliares, os clíticos ocorrem em adjacência aos verbos flexionados, ao contrário dos pronomes fortes:⁵

- (14) a. O Pedro não o tinha visto.
b. * O Pedro não tinha visto-o.

As mesmas frases em português brasileiro revelam que o pronome forte ocupa a mesma posição que qualquer outro grupo nominal:

- (15) a. * O Pedro não ele tinha visto.
b. O Pedro não tinha visto ele.

Em línguas com clíticos sintáticos, como é o caso do português europeu, a posição dos pronomes é variável e sintaticamente condicionada. Ilustram-se, em (16), alguns contextos de próclise, em que o pronome ocorre em posição pré-verbal.⁶

⁵ Pretende-se exemplificar aqui a posição dos clíticos quando ocorrem com verbos auxiliares e não o que acontece em contextos de subida do clítico, caso em que a subida do clítico pode ser opcional.

⁶ Ver Duarte & Matos (2000), entre outros, para uma descrição dos contextos de colocação dos pronomes.

- (16) a. O Pedro não o tinha visto.
(Negação)
- b. Disseram que o Pedro o tinha visto.
(Subordinação finita com conjunção)
- c. Quando é que o Pedro o tinha visto?
(Interrogativas parciais com constituinte interrogativo anteposto)
- d. Eu já o tinha visto.
(Advérbios como “já, também, só, ainda, ...”)

Estas são algumas das propriedades que distinguem os pronomes fortes dos pronomes clíticos. Se pensarmos na distinção entre pronomes clíticos e pronomes nulos, torna-se evidente que esta diferença é real. Em primeiro lugar, deve notar-se que há línguas que têm pronomes clíticos e não têm pronomes nulos. O francês é um exemplo de língua assim. Como vemos em (17), nesta língua há clíticos (quer em posição de sujeito, quer em posição de objeto), mas as contrapartidas nulas são agramaticais:

- (17) a. Je l'aime.
Eu o amo
'Eu o amo.'
- b. *Ø l'aime.
Ø o amo
'Amo-o.'
- c. *J'aime Ø.
Eu amo Ø
'Eu amo.'

Ao contrário do que acontece em francês, o português (tanto brasileiro quanto europeu) admite formas nulas tanto em contexto de sujeito, como em contexto de objeto. Estes pronomes nulos permitem caracterizar o português como língua de sujeito nulo e como língua de objeto nulo (Raposo 1986):

- (18) a. Eu vejo o João.
- b. Ø vejo o João. (sujeito nulo)
- c. Eu vejo Ø. (objeto nulo)

As duas propriedades são independentes, já que há línguas que admitem apenas sujeitos nulos e não objetos nulos (como é o caso do italiano ou do espanhol),

e outras há que admitem objeto nulo, mas em que o sujeito nulo é bastante mais restrito (o português brasileiro é um caso destes, conforme discutido em Duarte 1995).

2.2 Propriedades sintático-semânticas dos pronomes

Como já vimos, diferentes pronomes exibem comportamentos sintáticos diferentes. Já se mostrou, por exemplo, que os pronomes clíticos têm uma distribuição diferente da dos pronomes fortes. Com efeito, como foi mostrado, os pronomes clíticos ocorrem junto do verbo flexionado e a sua posição pré ou pós-verbal é condicionada pelo contexto sintático, designadamente pela presença de alguns desencadeadores de próclise.

Para além destas questões sintáticas que condicionam o posicionamento dos pronomes clíticos, é interessante observar que a interpretação dos pronomes é parcialmente condicionada pelo contexto sintático de ocorrência.

Ao contrário dos grupos nominais, os pronomes não têm referência própria. Podemos comparar as frases em (19), para o entender:

- (19) a. O diretor da Faculdade caiu.
b. Ele caiu.

Em (19a), a expressão *o diretor da Faculdade* tem referência própria, sendo que o pronome *ele*, em (19b), precisa de contexto linguístico ou situacional para se lhe poder atribuir referência. A referência de um pronome pode ser fixada de formas diferentes. Uma frase como (19b) pode ser utilizada ao mesmo tempo que o falante aponta para alguém. Temos, nesse caso, o contexto extralinguístico a determinar a referência do pronome. A referência também pode ser fixada interfrásicamente, como em (20):

- (20) a. O que é que aconteceu ao Pedro?
b. Nem imaginas, quando o carro ia a chegar, ele caiu.

Em (20), o contexto linguístico permite-nos interpretar *ele* como *o Pedro*. Dizemos que duas expressões que são interpretadas da mesma forma são co-referentes. Nestes casos, temos exemplos de fixação semântico-pragmática da referência dos pronomes, dado que estamos em contextos interfrásicos.

Sabe-se, contudo, desde o final dos anos 70 e graças a muita investigação conduzida durante os anos 80, sobretudo desde a publicação dos trabalhos de Reinhart (1976) e Chomsky (1981), que a interpretação dos pronomes pode ser sintaticamente condicionada. Vejamos os exemplos seguintes:

- (21) a. O Pedro lavou-se.
b. O Pedro lavou-o.

Em (21a), *o Pedro* e *-se* são obrigatoriamente co-referentes, o que contrasta com (21b), em que *o Pedro* e *-o* são obrigatoriamente não co-referentes, isto é, o pronome pode referir qualquer entidade (desde que compatível com masculino singular), exceto *o Pedro*. As formas como *-se* chamamos *anáforas*, reservando o termo *pronome* para os que se comportam como *-o*.

Como se pode ver nos exemplos seguintes, manipulando o contexto sintático, podem alterar-se as condições de interpretação dos pronomes. Se se aumentar a distância sintática entre o antecedente e o pronome, é possível verificar que as possibilidades de interpretação são afetadas. Atente-se a (22): a introdução de um nível de subordinação condiciona a interpretação da anáfora em (22a), sendo que esta tem de ter como antecedente o grupo nominal que se encontra na mesma oração. Em (22b), vemos que, ao contrário da anáfora, o pronome não pode ter o seu antecedente na mesma oração, mas pode ter como antecedente o grupo nominal que é sujeito da oração matriz:

- (22) a. O Pedro disse que o João se lavou.
(se = o João; se ≠ o Pedro)
b. O Pedro disse que o João o lavou.
(-o ≠ o João; -o = o Pedro)

A manipulação do contexto sintático mostra-nos ainda que a relação entre o antecedente e o pronome é estabelecida hierarquicamente e não de forma linear. Em (23), vemos que o antecedente do pronome pode estar na mesma oração que o pronome, desde que se encontre hierarquicamente inacessível:

- (23) a. O Pedro lavou-o.
(-o ≠ o Pedro)
b. O filho do Pedro lavou-o.
(-o = o Pedro)

Desde os anos 80, a Teoria da Ligação é o módulo da gramática responsável por descrever e explicar a forma como as anáforas e os pronomes adquirem referência, explicitando os contextos sintáticos que o legitimam. Perante dados como os de (22) e (23), podemos formular generalizações como as seguintes, que correspondem a versões muito informais dos princípios da Teoria da Ligação:

- A. Uma anáfora tem obrigatoriamente o seu antecedente acessível na oração em que se encontra.

- B. Um pronome não pode ter um antecedente acessível na oração em que se encontra.

Também os pronomes nulos são regulados por condições sintáticas específicas. Para ilustrar as condições sintáticas a que os pronomes nulos obedecem, podemos recorrer aos objetos nulos. Conforme demonstrado em Raposo (1986), em português europeu (mas não em português brasileiro), os objetos nulos são legítimos em frases simples (24B), mas não nos contextos sintáticos conhecidos como contextos-ilha (Ross 1969), de que as orações adverbiais são um exemplo (25B):

- (24) Português Europeu:

A: E o teu carro?

B: Levei \emptyset /-o agora mesmo para a oficina.

- (25) A: E o teu carro?

B: Estou chateado porque não vi * \emptyset /-o vi na oficina.

Já em português brasileiro, objetos nulos são possíveis tanto em frases simples (26B) como em contextos-ilha (27B):

- (26) Português Brasileiro:

A: E o seu carro?

B: Levei \emptyset /ele agora mesmo para a oficina.

- (27) A: E o teu carro?

B: Estou chateado porque não vi \emptyset /ele na oficina.

Vemos, assim, que o conhecimento das propriedades dos pronomes passa também pelo conhecimento dos contextos sintáticos em que são possíveis e da influência desses contextos sintáticos na sua interpretação.

2.3 Propriedades semântico-pragmáticas dos pronomes

Para além das propriedades sintático-semânticas dos pronomes, é importante referir, ainda que brevemente, que os pronomes (ao contrário das anáforas) podem ter a sua referência fixada pragmaticamente, o que também é sujeito a restrições específicas. A legitimação textual e pragmática pode ser atestada em contextos como o que é ilustrado em (28):

- (28) O Pedro chegou a casa cansado. **Ele** tinha trabalhado dez horas seguidas.

Em (28), o pronome *ele* é co-referente com o grupo nominal *o Pedro*. Este é um processo de retoma textual, que não é sintaticamente condicionado, já que estamos perante expressões que se encontram em frases distintas, para além portanto do nível máximo de análise da sintaxe.⁷ Curiosamente, a legitimação interfrásica também conhece limites. Por exemplo, se o antecedente for uma expressão quantificada e não um grupo nominal, torna-se impossível o estabelecimento de co-referência por esta via:

(29) Cada funcionário chegou a casa cansado. *Ele tinha trabalhado dez horas.

Neste mesmo contexto, o pronome nulo é preferível:

(30) Cada funcionário chegou a casa cansado. Ø tinha trabalhado dez horas.

Vê-se, assim, que é necessário conhecer que propriedades um antecedente pode ter e saber se pode alternar livremente ou não com uma forma nula do pronome.

3 Adquirir pronomes

Com base na breve descrição das propriedades dos pronomes conduzida na secção anterior, podemos já adivinhar por que motivo o estudo da aquisição dos pronomes é tão importante. Em primeiro lugar, ao estudar-se como as crianças chegam a um conhecimento estável sobre pronomes, avaliamos como dominam uma área do seu conhecimento linguístico para a qual convergem questões fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas. O estudo da aquisição dos pronomes é, assim, uma janela sobre a aquisição de diferentes componentes da gramática em interação. Com base nas propriedades que descrevemos na secção anterior, podemos formular um conjunto de questões com relevância para os estudos em aquisição:

Q1 *As crianças sabem que há diferentes tipos de pronomes?*

As crianças distinguem pronomes fortes, clíticos e nulos nas suas produções iniciais ou na forma como os compreendem? A resposta a esta pergunta permite-nos saber se as crianças lidam com conhecimento que se

⁷ No mesmo contexto, seria possível um sujeito nulo, o que é irrelevante para o que aqui se ilustra:

(i) O Pedro chegou a casa cansado. Tinha trabalhado dez horas seguidas.

relaciona com diferentes propriedades morfológicas e sintáticas, em particular com a relevância da lexicalidade e dos níveis de projeção das palavras (como núcleos sintáticos ou como projeções máximas).

Q2 *As crianças conhecem o tipo de língua que estão a adquirir no que concerne à disponibilidade de categorias nulas?*

A existência de sujeitos nulos e objetos nulos numa língua é sujeita a variação paramétrica, já que nem todas as línguas têm sujeito e objeto nulo. O estudo da aquisição dos pronomes permitirá saber quão precocemente as crianças fixam parâmetros deste tipo.

Q3 *As crianças conhecem as restrições de colocação dos pronomes?*

Vimos que os pronomes clíticos têm uma colocação sintaticamente condicionada. Importará saber se as crianças dominam os contextos de colocação dos pronomes, para sabermos quão específico é o seu conhecimento sobre formas pronominais.

Q4 *As crianças conhecem as condições sintáticas que restringem a interpretação dos pronomes?*

Por outras palavras, as crianças conhecem os princípios da Teoria da Ligação, que determinam os contextos sintáticos para a distribuição e interpretação de pronomes e anáforas?

Q5 *As crianças conhecem todas as restrições semântico-pragmáticas que condicionam a interpretação dos pronomes?*

Ainda que a resposta a Q4 seja positiva e se perceba que as crianças têm um bom conhecimento sintático sobre os pronomes, tal não significa que as crianças dominem todas as restrições semânticas e pragmáticas que regulam a forma como os pronomes são interpretados.

Nas últimas duas décadas, tem sido muita a literatura que se tem dedicado ao estudo da aquisição de formas pronominais, quer no que concerne à sua produção, quer no que diz respeito à sua compreensão. Antes de descrevermos resultados nos estudos sobre o português, resumimos alguns dos principais resultados disponíveis na literatura para diversas línguas.

3.1 Produção de pronomes em diversas línguas

São vários os estudos que mostram que as crianças omitem pronomes nas suas produções iniciais. Jakubowicz et al. (1998) mostram, contudo, que, em francês,

esta omissão de pronomes é seletiva: afeta apenas pronomes acusativos, como em (31a) e não os dativos (como em 31b):

- (31) a. Il **la** lave.
 ele a lava
 ‘Ele a lava.’
 b. Il **lui** téléphone.
 Ele lhe telefona
 ‘Ele lhe telefona.’

Jakubowicz et al. (1998) mostram ainda que a omissão de pronomes clíticos não se deve à sua fraca proeminência fonológica. Na verdade, a comparação entre a produção de pronomes clíticos e determinantes em francês (que são homófonos) mostra que as crianças apenas omitem os pronomes clíticos e não os determinantes, o que permite argumentar que a omissão de clíticos não se relaciona com a sua atonicidade. Em Varlokosta et al. (2015), refere-se que, em línguas sem clíticos, como o inglês, não há omissão de pronomes.

Estes dados permitem já dar uma resposta a Q1 enunciada acima: as crianças tratam os pronomes clíticos de forma diferenciada, o que permite supor que têm algum conhecimento sobre as suas propriedades específicas.

Vários estudos para várias línguas se dedicaram a aferir se as crianças omitem pronomes clíticos nas suas produções iniciais. Observou-se que a omissão não é atestada em todas as línguas. Encontra-se em francês, italiano (Schaeffer 1997), catalão (Wexler et al. 2004), mas não em espanhol (Wexler et al. 2004) ou grego (Tsakali & Wexler 2003). Parte dos estudos na literatura tem tentado associar a omissão de clítico a outras propriedades dos sistemas linguísticos, como a existência de concordância nos participios passados, o que não é de todo consensual. Percebe-se, contudo, a relevância de avaliar a robustez da generalização de que os clíticos são adquiridos tardiamente.

Os estudos sobre a produção dos pronomes pelas crianças têm mostrado que as crianças não exibem grandes problemas na colocação dos pronomes clíticos em línguas como o italiano ou o francês (conforme demonstrado em Guasti 2002), o que contribui para que se possa dizer que há um bom conhecimento das propriedades destas formas pronominais. Veremos, contudo, mais adiante que esta ideia de que as crianças não cometem erros na distribuição dos pronomes requer alguma qualificação, já que não se verifica em todas as línguas.

Importa ainda referir, no âmbito dos estudos de produção, os trabalhos de Hyams, sobretudo a partir de 1992, sobre sujeitos nulos na aquisição (veja-se sobre este tópico o Capítulo 7, particularmente a Secção 6).

3.2 Compreensão de pronomes em diversas línguas

No que concerne à compreensão de pronomes, o estudo seminal de Chien & Wexler (1990) veio mostrar que pode haver dificuldades na interpretação de alguns pronomes em inglês. Estes autores testaram a compreensão de frases como as de (32), mostrando que as crianças a adquirir inglês não têm dificuldades na compreensão de anáforas, mas atribuem erradamente leituras co-referenciais a pronomes na compreensão de enunciados como (32b):

- (32) a. Mama Bear washed herself.
Mamã Ursa lavou se
'Mamã Ursa lavou-se.'
- b. Mama Bear washed her.
Mamã Ursa lavou ela
'Mamã Ursa lavou-a.'

À primeira vista, poder-se-ia pensar que as crianças exibem um atraso no domínio do princípio B da Teoria da Ligação, que regula a distribuição e interpretação de pronomes. Contudo, essa é uma hipótese bastante questionável, pelas seguintes razões:

- a) Os princípios da Teoria da Ligação funcionam de forma complementar, isto é, as anáforas ocorrem em distribuição complementar com os pronomes. Assim, seria muito difícil de entender que haja um bom domínio do princípio A, mas não do princípio B.
- b) A compreensão de frases como (33) é perfeita. (33) distingue-se de (32b) por conter um antecedente quantificado. Nos dois casos, (32b) e (33), o pronome não pode ter o sujeito da frase como antecedente. Isto é, (32b) não pode significar que 'Mamã ursa lavou-se' e (33) não pode significar que 'toda ursa lavou-se'. As crianças rejeitam (33) em contextos que mostram cada ursa se lavando, mas aceitam (32b) em contextos em que mamã ursa se lavou. Como vimos acima, os quantificadores podem ser antecedentes de pronomes, mas apenas quando a relação de co-referência é estabelecida sintaticamente:

- (33) Every Bear washes her.
Toda ursa lava ela
'Toda ursa lava-a.'

O sucesso na compreensão de frases como (33) mostra que não é o princípio B que está afetado, mas sim os modos extrassintáticos de atribuição de referência. Por outras palavras, as crianças terão apenas dificuldades no domínio de propriedades pragmáticas que regulam a interpretação das formas pronominais e não nos princípios sintáticos. Isto explica que a ligação por um antecedente quantificado não seja problemática e que não se verifiquem problemas com anáforas, cuja referência é sempre fixada sintaticamente.

- c) Os estudos de McKee (1992) para o italiano e de Padilla (1990) para o espanhol mostram que não há dificuldades na compreensão de pronomes quando estes são clíticos. Para além de, novamente, ser reforçada a ideia de que as crianças distinguem clíticos de pronomes fortes, estas observações permitem afirmar que os princípios sintáticos da Teoria da Ligação não são sujeitos a maturação no desenvolvimento linguístico.

Estes dados já nos permitem chegar a algumas respostas às questões formuladas acima. Parece ser possível supor que as crianças conhecem as restrições sintáticas que condicionam a interpretação dos pronomes (Q4), mas não conhecem todas as restrições semântico-pragmáticas que condicionam a interpretação dos pronomes.

Nas secções seguintes, veremos que os dados disponíveis para o português corroboram estas conclusões.

4 **Aquisição de pronomes em português europeu: produção**

Apresentamos, nesta secção, os principais resultados dos estudos que têm vindo a ser feitos sobre a produção de pronomes clíticos em português. Dada a ausência de tais pronomes em português brasileiro, a discussão ficará confinada ao português europeu. São particularmente relevantes os estudos sobre as taxas de produção desses pronomes e sobre a sua colocação.

4.1 **Produção vs. Omissão de pronomes clíticos**

Conforme vimos na secção anterior, há várias línguas em que os pronomes são omitidos nas produções iniciais das crianças. Os trabalhos de Ken Wexler e colegas têm colocado a hipótese de que os pronomes são omitidos apenas naquelas

línguas em que existe concordância de participio passado, como é o caso do francês, ilustrado em (34):

- (34) J'ai repeint les fenêtres. Je les ai repeintes.
eu tenho repintado.M.SG as janelas.F.PL eu as.F.PL tenho repintado.F.PL
'Eu repinte as janelas. Eu repinte-as.'

De acordo com esta hipótese, prediz-se que não haja omissão de clíticos em português europeu, já que esta língua não tem concordância de participio passado. Numa sequência de estudos, Costa, Lobo e Silva (Costa & Lobo 2007; Costa et al. 2012; Silva 2008) avaliaram a produção induzida de clíticos por crianças entre os 3 e os 6 anos, tendo chegado a duas conclusões principais:

- A. As crianças portuguesas omitem clíticos em taxas superiores às identificadas para outras línguas.
- B. As crianças portuguesas omitem clíticos até mais tarde do que foi encontrado para outras línguas.

Perante estes dados, duas hipóteses se apresentam: ou a omissão de clíticos é diferente em línguas diferentes ou deverá haver uma explicação alternativa para o que se passa na aquisição do português europeu.

Recorde-se que o português europeu tem objetos nulos, pelo que a produção de um verbo sem complemento pode não corresponder a uma omissão de clítico, mas sim a uma produção de objeto nulo semelhante à que se encontra na gramática do adulto. Por este motivo, Costa et al. (2012) e Silva (2008) elicitaram a produção de clíticos que não alternam livremente com objetos nulos ou em contextos em que essa alternância não é legítima. Foram, assim, testados os seguintes contextos:

- a) Dativos (não existe consenso sobre a disponibilidade de objeto nulo em contexto dativo, cf. Costa & Duarte 2003)
- b) Clíticos de 1.^a e 2.^a pessoa (que não alternam livremente com objeto nulo)
- c) Clíticos reflexos (que não alternam livremente com objeto nulo)
- d) Contextos ilha (em que o objeto nulo não é legitimado)

Os resultados dos testes aplicados são bastante robustos e podem ser resumidos da seguinte forma:

- a) As crianças produzem frases em que o pronome é omitido até tarde.
- b) A omissão é igualmente alta em contextos acusativos não-reflexos e nos outros contextos estudados, não se verificando diferenças entre dativos, pessoa, reflexos e contextos de ilha.

Com base nestes resultados, Costa & Lobo (2009) colocaram a hipótese de que a omissão encontrada em português europeu não é um caso de omissão de clítico, mas sim de sobregeneralização da construção de objeto nulo.

Estes resultados contribuem para uma resposta clara a algumas das questões enunciadas na secção anterior. Se a hipótese se verificar, podemos dizer que as crianças portuguesas sabem que o seu sistema tem pronomes clíticos (Q1), que a sua língua tem objetos nulos (Q2), mas ainda não dominam os contextos específicos em que o objeto nulo é legitimado (Q5).

4.2 Posicionamento dos pronomes clíticos

Duarte et al. (1995) e Duarte & Matos (2000) relatam que as crianças portuguesas generalizam a posição enclítica (pós verbal) do pronome, conforme se ilustra nos seguintes exemplos:

- (35) a. Foste tu que daste-me (J. 4;8)
- b. Foi a Mariana que deu-me este (Sandra 3;0.21; in Soares 2006: 375)
- c. foi alguém que meteu-me nesta fotografia. (J. G. 3;3; in Duarte et al. 1995)
- d. O mano não deixa-me dormir. (J. 3;8)
- e. não chama-se nada (M. 20 meses; Duarte et al. 1995)
- f. Porque partiu-se, mãe? (J. 3;4)
- g. Porque é que foste-me interromper? (R., 2;5; in Duarte et al. 1995)

Em Costa et al. (2014), foi testada a produção de clíticos em diferentes contextos de ênclise e próclise. Testou-se, em particular, a produção de clíticos em contextos com um desencadeador de próclise: a negação, o advérbio *já*, a subordinação completiva, a subordinação adverbial, interrogativas, com sujeitos negativos e com sujeitos quantificados, como se ilustra nos seguintes exemplos:

- (36) a. Eu não o vi.
- b. Eu já o vi.
- c. Eu disse que o vi.

- d. Eu tossi quando o vi.
- e. Quando é que eu o vi?
- f. Nenhum aluno o viu.
- g. Todos os alunos o viram.

Costa et al. (2014) observaram que as crianças, de facto, sobregeneralizam a ênclise, mas fazem-no em taxas diferenciadas nos vários contextos, sendo que adquirem a próclise de forma gradual nos diferentes contextos. Estes autores identificaram a seguinte escala de desenvolvimento da próclise:

- (37) Negação > Sujeitos negativos / subordinação completiva > Advérbio *já*
> subordinação adverbial > Sujeitos quantificados

De acordo com Costa et al. (2014), esta sequência explica-se quando se tem em conta a complexidade inerente de cada um destes contextos: por exemplo, para adquirir próclise com negação, basta saber que a negação é um desencadeador de próclise. Já para adquirir a próclise com sujeitos quantificados, é necessário saber qual o subconjunto de quantificadores que é, de facto, desencadeador de próclise. Vemos, assim, que o conhecimento sobre próclise e ênclise é relativamente precoce, mas que o domínio completo dos contextos para o posicionamento do clítico vai depender do conhecimento de propriedades dos itens lexicais envolvidos e da sua complexidade inerente.

Em jeito de sumário, podemos concluir que os estudos sobre a produção dos pronomes por crianças que estão a adquirir o português europeu nos permitem afirmar que:

- a) As crianças distinguem clíticos de outros pronomes desde cedo.
- b) As crianças usam o objeto nulo produtivamente desde cedo, embora o sobregeneralizem.
- c) As crianças usam próclise e ênclise desde cedo, mas a estabilização dos contextos de próclise depende da aquisição de aspetos lexicais e sintáticos que trazem complexidade para o input.

5 Aquisição dos pronomes em português europeu e brasileiro: compreensão

No que concerne à compreensão de pronomes, reportaremos estudos em duas áreas principais: a compreensão de pronomes nas duas variedades do português

(europeia e brasileira) e a compreensão e aceitabilidade da construção de objeto nulo.

5.1 **Compreensão de pronomes clíticos e fortes em português**

Tal como para outras línguas, o estudo de Chien & Wexler (1990) foi reproduzido em português. Curiosamente, os resultados obtidos para o português europeu e para o português brasileiro foram bastante diferentes.

Em português europeu, Cristóvão (2006) mostrou que as crianças portuguesas interpretam corretamente tanto pronomes como anáforas em frases como as de (38):

- (38) a. O menino lava-se.
b. O menino lava-o.

Ao contrário do que aconteceu em inglês, as crianças portuguesas não apresentam evidência de dificuldade na compreensão de pronomes. Este resultado é compatível com o de McKee (1992) para o italiano, reforçando a ideia de que o estatuto categorial do pronome é fundamental para se predizer se há ou não dificuldades na sua compreensão. Com efeito, Grolla (2006; 2010) replicou o mesmo teste em português brasileiro e encontrou dificuldades na compreensão de pronomes, à semelhança do que aconteceu em inglês. É crucial termos em conta que, no teste em português brasileiro, as frases utilizadas foram como a de (39):

- (39) O menino lava ele.

Aqui o pronome é forte e, como já foi referido, apenas os pronomes fortes induzem problemas de compreensão (ver Cristóvão 2006 e Costa et al. 2012 para uma tentativa de análise desta assimetria entre pronomes fortes e clíticos).

A hipótese de que o estatuto do pronome, enquanto clítico ou forte, é relevante levou Costa & Ambulate (2010) e Silva (2015) a testar se, numa mesma variedade do português, os pronomes fortes são igualmente mais difíceis de compreender para as crianças. Assim, estes autores testaram a compreensão de pronomes fortes em português europeu, em contextos de pronome sujeito subordinado (como em 40) e em contextos de complemento de preposição (como em 41):

- (40) O Pedro disse ao Paulo que **ele** tem fome.
(41) O Pedro está orgulhoso **dele**.

Silva (2015) mostra que, em todos os contextos, a compreensão do pronome forte é menos bem sucedida do que a dos pronomes clíticos ou dos pronomes nulos, o que permite sustentar a hipótese de que os mecanismos de legitimação dos pronomes fortes são diferentes e dependentes de aspetos semântico-pragmáticos e não apenas de restrições sintáticas.

Estes resultados parecem ir ao encontro dos estudos existentes que mostram que as crianças conhecem desde cedo os princípios da Teoria da Ligação, podendo, contudo, desconhecer os princípios concretos de legitimação semântico-pragmática de algumas formas pronominais. Os estudos sobre a compreensão de objeto nulo que relatamos na subsecção seguinte confirmam esta conclusão.

5.2 Compreensão de objeto nulo em português

Nos estudos de produção, levantou-se a hipótese de que as crianças sobregeneralizam objeto nulo e que isso explica as altas taxas de omissão de pronomes clíticos. Na secção anterior, colocou-se a hipótese de que nem todas as propriedades semântico-pragmáticas dos pronomes estão adquiridas desde cedo. Os estudos de Costa & Lobo (2009; 2010) e de Costa et al. (2015) sobre a compreensão e aceitabilidade de objeto nulo parecem corroborar esta hipótese.

Costa & Lobo (2009) testaram se as crianças são capazes de atribuir interpretações transitivas a verbos que ocorrem sem complemento, em frases como as de (42):

- (42) a. Acordou(-o).
b. Balançou(-o).
c. Mergulhou(-o).

Se a gramática das crianças não contiver a possibilidade de existência de objetos nulos, na ausência do pronome, as crianças apenas conseguiriam atribuir interpretações intransitivas aos verbos, à semelhança do que foi encontrado para o francês e para o inglês por Grüter (2006). No entanto, as crianças portuguesas conseguiram interpretar estas frases transitivamente, o que mostra que aceitam construções de objeto nulo e que as interpretam adequadamente. O mesmo foi encontrado por Costa et al. (2015) para crianças a adquirir o português brasileiro.

Curiosamente, as crianças portuguesas, que, como se viu, sobregeneralizam a construção de objeto nulo na produção, também sobregeneralizam o objeto nulo na compreensão, aceitando objetos nulos em contextos em que os adultos os rejeitam (contextos ilha e contextos reflexos). Estes resultados permitem levantar, de novo, a hipótese de que as crianças conhecem a gramática que estão a adquirir,

sabendo que se trata de uma gramática de objeto nulo, mas não conhecem ainda todas as propriedades semântico-pragmáticas das categorias nulas envolvidas.

Em Costa & Lobo (2010), testámos o conhecimento das crianças sobre propriedades finas do sujeito nulo e do objeto nulo, a partir de um estudo de Miyagawa (2010). Em frases como as de (43) e (44), podemos verificar que o sujeito nulo apenas permite uma interpretação estrita, retomando apenas o sujeito da frase matriz, enquanto o objeto nulo é ambíguo:

- (43) O Pedro disse que os pais estão doentes e o Paulo disse que \emptyset estão bons.
 \emptyset = pais do Pedro
 $\emptyset \neq$ pais do Paulo
- (44) O Pedro abraçou os pais e o Paulo beijou \emptyset .
 \emptyset = pais do Pedro
 \emptyset = pais do Paulo

Conhecer as propriedades dos pronomes nulos implicará conhecer este tipo de restrição imposta sobre a sua interpretação. Em Costa & Lobo (2010) testou-se o conhecimento destas propriedades por crianças portuguesas e o mesmo foi feito em comparação com crianças brasileiras em Costa et al. (2015), tendo-se concluído que as crianças aos 5 anos ainda não dominam estes pormenores que são relevantes para uma interpretação adulta das formas pronominais.

Estes resultados permitem-nos dar resposta a algumas das questões enunciadas. Os dados da compreensão sugerem que as crianças dominam as restrições estritamente sintáticas que regulam a interpretação dos pronomes, tais como os princípios da Teoria da Ligação ou os parâmetros que preveem a utilização de categorias nulas, mas não conhecem todas as propriedades semântico-pragmáticas associadas aos pronomes fortes e às categorias nulas.

6 Conclusão

Os resultados dos estudos que resumimos neste capítulo permitem-nos corroborar as observações recorrentes na literatura segundo as quais grande parte do conhecimento linguístico é adquirido muito precocemente. Com efeito, ao longo do capítulo, pudemos constatar que os seguintes conhecimentos estão adquiridos nos primeiros anos de vida:

- a) A distinção entre pronomes fortes, clíticos e nulos.

- b) A variação interlinguística que regula se as línguas têm ou não sujeitos nulos e objetos nulos.
- c) Os princípios sintáticos que regulam a distribuição e interpretação de anáforas e pronomes.

A evidência de que este conhecimento linguístico fino é dominado tão cedo constitui argumento para a assunção de que parte do conhecimento linguístico é inato e independente de aprendizagem ou parasita noutras propriedades do desenvolvimento cognitivo.

Referências

- Cardinaletti, Anna & Michal Starke. 1994. The typology of structural deficiency on the three grammatical classes. *University of Venice Working papers in linguistics* 4(2). 41–109.
- Chien, Yu-Chin & Kenneth Wexler. 1990. Children's knowledge of locality conditions in binding as evidence for the modularity of syntax and pragmatics. *Language acquisition* 1(3). 225–295.
- Chomsky, Noam. 1981. *Lectures in government and binding*. Dordrecht: Foris.
- Costa, João & Joana Ambulate. 2010. The acquisition of embedded subject pronouns in European Portuguese. Em Michael Iverson, Ivan Ivanov, Tiffany Judy, Jason Rothman, Roumyana Slabakova & Marta Tryzna (eds.), *Proceedings of the 2009 Mind/Context Divide workshop*, 1–12. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- Costa, João & Inês Duarte. 2003. Objectos nulos em debate. Em Ivo Castro & Inês Duarte (eds.), *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, 249–260. Lisboa: INCM.
- Costa, João, Naama Friedmann, Carolina Silva & Maya Yachini. 2014. The boy that the chef cooked: Acquisition of PP relatives in European Portuguese and Hebrew. *Lingua* 150. 386–409.
- Costa, João, Elaine Grolla & Maria Lobo. 2015. The acquisition of microvariation in silent categories. Em Cornelia Hamman & Esther Ruigendijk (eds.), *Language acquisition and development: Proceedings of GALA 2013*, 49–60. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Costa, João & Maria Lobo. 2007. Clitic omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese? Em Sergio Baauw, Frank Drijkoningen & Manuela Pinto (eds.), *Romance languages and linguistic theory*, 59–71. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- Costa, João & Maria Lobo. 2009. Clitic omission in the acquisition of European Portuguese: Data from comprehension. Em Acrísio Pires & Jason Rothman (eds.), *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition: Case studies across Portuguese*, 63–84. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Costa, João & Maria Lobo. 2010. Clitic omission is null object: evidence from comprehension. Em João Costa, Ana Castro, Maria Lobo & Fernanda Pratas (eds.), *Language acquisition and development: Proceedings of GALA 2009*, 96–106. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Costa, João, Maria Lobo & Carolina Silva. 2012. Which category replaces an omitted clitic? The case of European Portuguese. Em Pedro Guijarro-Fuentes & Maria Pilar Larrañaga (eds.), *Pronouns and clitics in early acquisition*, 105–130. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Cristóvão, Sandra. 2006. *A co-referência nos pronomes objecto directo na aquisição do português europeu*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa tese de mestrado.
- Duarte, Inês & Gabriela Matos. 2000. Romance clitics and the minimalist program. Em João Costa (ed.), *Portuguese syntax. New comparative studies*, 116–142. Lisboa: Oxford University Press.
- Duarte, Inês, Gabriela Matos & Isabel Hub Faria. 1995. Specificity of European Portuguese clitics in Romance. Em Isabel Hub Faria & Maria João Freitas (eds.), *Studies on the acquisition of Portuguese*, 129–154. Lisboa: APL/Colibri.
- Duarte, Maria Eugênia. 1995. O enfraquecimento da concordância no Português Brasileiro. Em Ian Robert & Mary Aizawa Kato (eds.), *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*, 387–408. Campinas: Editora da Unicamp.
- Grolla, Elaine. 2006. The acquisition of A- and A'-bound pronouns in Brazilian Portuguese. Em Vincent Torrens & Linda Escobar (eds.), *The acquisition of syntax in Romance languages*, 227–250. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Grolla, Elaine. 2010. *Pronouns as elsewhere elements: Implications for language acquisition*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.
- Grüter, Therese. 2006. *Object clitics and null objects in the acquisition of French*. Montreal: McGill University tese de doutoramento.
- Guasti, Maria Teresa. 2002. *Language acquisition: The growth of grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Hyams, Nina. 1992. The genesis of clausal structure. Em Jürgen Meisel (ed.), *The acquisition of verb placement: Functional categories and V2 phenomena in language development*, 371–400. Dordrecht: Kluwer.

- Jakubowicz, Celia, Lea Nash, Catherine Rigaut & Christophe-Loic Gérard. 1998. Determiners and clitic pronouns in French-speaking children with SLI. *Language acquisition* 7(2-4). 113–160.
- Kayne, Richard. 1975. *French syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- McKee, Cecile. 1992. A comparison of pronouns and anaphors in Italian and English acquisition. *Language acquisition* 2(1). 21–54.
- Miyagawa, Shigeru. 2010. *Primacy of person agreement: Revisiting Jaeggli and Safir's morphological uniformity for pro-drop*. Comunicação apresentada no MIT.
- Padilla, José António. 1990. *On the definition of binding domains in Spanish*. Dordrecht: Kluwer.
- Raposo, Eduardo. 1986. On the null object construction in European Portuguese. Em Osvaldo Jaeggli & Carmen Silva-Corvalán (eds.), *Studies in Romance linguistics*, 373–390. Dordrecht: Foris.
- Reinhart, Tanya. 1976. *The syntactic domain of anaphora*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology tese de doutoramento.
- Ross, John. 1969. *Constraints on variables in syntax*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology tese de doutoramento.
- Schaeffer, Jeannette. 1997. *Direct object scrambling in Dutch and Italian child language*. Vol. 17 (UCLA Dissertations in Linguistics). Los Angeles, CA: UCLA.
- Silva, Carolina. 2008. *Assimetrias na aquisição de clíticos diferenciados em português europeu*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa tese de mestrado.
- Silva, Carolina. 2015. *Interpretation of clitic, strong and null pronouns in the acquisition of European Portuguese*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa tese de doutoramento.
- Soares, Carla. 2006. *La syntaxe de la périphérie gauche en portugais européen et son acquisition*. Paris: Université Paris 8 tese de doutoramento.
- Tsakali, Vina & Kenneth Wexler. 2003. Why children omit clitics in some languages but not in others: New evidence from Greek. Em Jacqueline van Kampen & Sergio Baauw (eds.), *Proceedings of GALA 2003*, 493–504. Utrecht: LOT.
- Varlokosta, Spyridoula, Adriana Belletti, João Costa, Naama Friedmann, Anna Gavarró, Kleanthes K. Grohmann, Maria Teresa Guasti, Laurice Tuller & Maria Lobo. 2015. A cross-linguistic study of the acquisition of clitic and pronoun production. *Language Acquisition* 23. 1–26.
- Wexler, Kenneth. 1998. Very early parameter setting and the unique checking constraint: A new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua* 106(1-4). 23–79.
- Wexler, Kenneth, Anna Gavarró & Vincent Torrens. 2004. Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish. Em Reineke Bok-Bennema,

8 *Pronomes, clíticos e objetos nulos: dados de produção e compreensão*

Bart Hollebrandse, Brigitte Kampers-Manhe & Petra Sleeman (eds.), *Romance languages and linguistic theory*, 253–268. Amsterdam: John Benjamins.

